

José Maria EÇA DE QUEIRÓS (1845-1900)

*Osmar Pereira Oliva**

Eça de Queirós nasceu em 25 de novembro de 1845, em Póvoa do Varzim, Portugal, filho natural de José Maria de Almeida Teixeira de Queirós e Carolina Augusta Pereira de Eça. Seu avô paterno, Joaquim José de Queirós e Almeida, era formado em Direito e exerceu a magistratura em vários países, entre eles o Brasil, de onde retornara a Portugal, levando o título de desembargador, seis filhos e dois escravos pretos. O pai de Eça de Queirós nasceu no Rio de Janeiro, Brasil, em 1820. Do seu romance com D. Carolina Augusta, até hoje pouco esclarecido, nasceu Eça de Queirós, incógnito, sendo logo entregue, com apenas 06 dias de nascimento, aos cuidados de Ana Joaquina Leal de Barros, sua ama e “mãe de leite” pernambucana. Eça viveu parte da infância com a avó, Teodora Joaquina, até que, com a morte dela, é restituído ao “convívio” dos pais, que já haviam se casado e legitimado a sua filiação.

Eça tem, pois, uma forte ligação com o Brasil, desde a ascendência paterna até a sua criação pela brasileira oriunda de Pernambuco, que lhe deu o carinho e o amor negados pela mãe biológica, nos primeiros anos de vida, quando mais precisava dela. Foi com a ama brasileira que aprendeu as primeiras palavras, ouviu as primeiras histórias e a sonoridade de uma língua mestiça que, certamente, influenciou a sua produção ficcional, nesse aspecto ainda pouco estudada, cujo maior exemplo é a segunda parte do romance *A Cidade e as Serras*, que relata, por meio de sinestésias, aliteraões e prosopopéias, a participação melódica e “ativa” da natureza no retorno e enraizamento de Jacinto a Tormes – permitindo-nos mesmo apontar uma tendência simbolista em sua obra. Mas Eça tem, também, uma participação indiscutível na formação da intelectualidade brasileira. Com as farpas ao brasileiro, o Brasil discutiu a identidade nacional – recepção que

* Professor Titular de Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes. Coordenador do Grupo de Pesquisa em Estudos Literários - Eça e Machado: Escrita, Memórias e Leituras. Autor de diversos artigos sobre literatura, história, gênero e identidade na literatura de língua portuguesa do final do século XIX, especialmente na obra de Machado de Assis e Eça de Queirós.

parece equivocada e injusta, sobre a reflexão traçada pelo autor de *Os Maias*; com a obra de Eça, discutiu-se, através de Machado de Assis, o Realismo/ Naturalismo de *O Primo Basílio* e de *O Crime do Padre Amaro*, romances que despertaram o imaginário brasileiro sobre a crítica à ociosidade, ao adultério, às hipocrisias sociais e ao celibato clerical.

Exercendo o jornalismo, na *Revista de Portugal* ou no *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro – para o qual colaborou de 1878 a 1897 – Eça de Queirós estabeleceu um diálogo efetivo com esta terra que despertou nele admiração, sedução e ativa amizade mediatizadas pela ironia e pelo espírito crítico, denunciador, pouco compreendido por parte de leitores da época e por outros, em nossos dias. Nesse Jornal, Eça publicou algumas de suas obras, como os contos “Civilização”, “A aia”, “O defunto”, “O tesouro”, o romance *A Relíquia* e o capítulo final de *Os Maias*. Nesse jornal, Eça interpretava, para os seus leitores brasileiros, os acontecimentos sociais, momentos, fatos, questões e hábitos europeus, exibindo marcas de avaliação e de julgamento, como tão bem discute a Professora Elza Miné, em seu livro *Páginas Flutuantes – Eça de Queirós e o jornalismo do século XIX*.

O Brasil e os brasileiros fazem parte do imaginário queirosiano, da sua vida e da sua ficção. Algumas de suas personagens são brasileiros ou viajam pelo Brasil, como em *A Correspondência de Fradique Mendes*, *O Primo Basílio* e *Os Maias*, o que mereceria uma revisão dessas obras quanto a esse aspecto. Indiscutivelmente, Eça de Queirós faz parte do imaginário luso-brasileiro. Havia mesmo uma vontade de ele viver alguns anos no Brasil, pois em 1870 foi aprovado em concurso público para o consulado na Bahia, sendo preterido, por questões políticas, em favor de outro candidato, aprovado em 2º lugar; nem por isso Eça deixou de estabelecer vínculo estreito de amizade com alguns dos nossos compatriotas, entre os quais destacam-se os irmãos Eduardo e Paulo Prado, Olavo Bilac, Magalhães de Azeredo (amigo íntimo de Machado de Assis), de quem obtinha notícias políticas e intelectuais do Brasil.

A polêmica provocada em fevereiro de 1872, com a publicação de “O brasileiro”, no *As Farpas*, de autoria de Ramalho Ortigão e Eça de Queirós, rendeu vários artigos em jornais da época, principalmente no Recife, dos quais tem-se referência *O Meteoro*, *O Movimento*, *Os Farpões* e *A América Ilustrada*. João Medina, em seu livro *Reler Eça de Queiroz – Das Farpas aos Maias*, afirma ter Eça revelado uma estranha e significativa fobia a tudo quanto fosse brasileiro, desde a alimentação aos valores da cultura, de forma que o artigo “O Brasileiro” era achincalhante e injusto. No entanto, é realmente necessário e fulcral lembrar a ferrenha crítica direcionada à sociedade portuguesa por esse autor. É mesmo quase impossível ler um texto queirosiano sem perceber nele, sob o manto diáfano

da fantasia, a corrosiva e ferina língua do mal, a denunciar as hipocrisias sociais, a ociosidade, as mazelas de uma burguesia atávica, provinciana e atrasada. A borduna crítica parece não ter passado da mão do Mefistófeles Eça de Queirós durante a sua produção literária, seja ela ficcional ou jornalística – o seu objeto de estudo e análise fora sempre, e com tal intensidade, Portugal e os portugueses, seus fracassos e seus defeitos. Com isso, não se quer dizer que haja, na obra queirosiana, um total e completo desprezo pela sua pátria. Ao contrário, as reflexões tecidas por esse autor revelam a sua excessiva preocupação com o ser português, com o destino de sua nação. Se a denúncia dessa realidade triste feriu, e ainda fere, os brios dos lusitanos, era de fato essa a estratégia de Eça – a mobilização nacional, para que Portugal reencontrasse o seu destino como parte integrante e ativa na Europa desenvolvida e industrializada. Como reafirmou Gilberto Freyre, Portugal doía a Eça, como o peito dói aos doentes do peito, e o fígado aos doentes do fígado. Portugal lhe doía como parte do seu próprio corpo e da sua própria vida.

O brasileiro é uma metáfora, espelho onde se reflete o próprio português, e mais ninguém. Bom leitor, crítico voraz, Eça realiza nesse artigo a estratégia já utilizada por Vieira e por Hegel, de construir uma reflexão pela metodologia da tese, antítese e síntese. Assim é que o autor de *A Relíquia* inicia o seu texto, apresentando um tipo de caricatura, criado para o riso público, como o há em outras nações. A primeira parte, em que se nota a tese, trata da imagem que os portugueses cunharam do brasileiro, escrita de forma imparcial, demonstrando o juízo e a opinião cruel, o escárnio intenso, no dizer do próprio Eça, que foi transmitida às outras nações da Europa. Na antítese, Eça contrapõe essa imagem à realidade dos portugueses, pois considera uma torpe injustiça essa construção. O riso dos portugueses era voltado para si mesmos, pois o brasileiro é a sua expansão, imagem especular. No dizer de Freyre, aí reside o humour, “capacidade de rir-se também de si próprio, ao rir-se dos outros, superior, sem dúvida, à de rir-se só dos outros”. Na visão de Eça, todos os defeitos atribuídos aos brasileiros os portugueses os tinham, bastando uma ocasião própria para manifestarem-se. Não residiria aí a máxima ironia e crítica voltada para as hipocrisias da sociedade da época? Na última parte, a síntese se manifesta com a declaração que parece responder à pergunta acima, pois, segundo esse autor, a coisa verdadeira é que o português não vale mais que o brasileiro. A síntese desenvolve-se com excelentes comparações, pondo no mesmo nível brasileiros e portugueses, essa raça de dupla face. No entanto, a síntese põe em relevo e ressalta as qualidades do brasileiro: um trabalhador, e o português, um mandrião; os brasileiros têm qualidades fortes, duradouras, boas para alicerces da vida! No entanto, a crítica queirosiana não perdoou brasileiros e portugueses, uns e outros estrangeirados, à maneira dos

franceses. Dois povos irmãos para os quais, segundo Eça, faltava-lhes alma e originalidade!

Bibliografia ativa

- QUEIRÓS, Eça de. *O Primo Basílio*. In. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Aguilar 1970.
- _____. *A Correspondência de Fradique Mendes*. In. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1970.
- _____. "O Brasileiro". In. *Ramalho Ortigão e Eça de Queirós - As farpas*. Seleção e Prefácio de Gilberto Freyre. Rio de Janeiro: Dois Mundos, 1942.
- _____. *Os Maias*. In. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1970.

Bibliografia passiva

- CAVALCANTI, Paulo. *Eça de Queirós agitador do Brasil*. Recife: Guararapes, 1983.
- LYRA, Heitor. ● *Brasil na vida de Eça de Queiroz*. Lisboa: Livros do Brasil, 1965.
- MATOS, A. Campos. *Dicionário de Eça de Queiroz*. Lisboa: Caminho, 1988.
- MEDINA, João. *Reler Eça de Queirós – Das Farpas aos Maias*. Lisboa: Livros Horizonte, 2000.
- MINÉ, Elza. *Páginas Flutuantes – Eça de Queirós e o jornalismo no século XIX*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.